EIXO TEMÁTICO 9: Crianças e adolescentes

CAPACITAÇÃO EM SAÚDE MENTAL PARA A REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO EM UM MUNICÍPIO DO PARANÁ

Training in mental health for the municipal education network in a municipality of paraná

Michelle Claudino da Silva Takahashi¹
Braz Trajano da Silva Junior²
Luidianne Karoline Araújo Teixeira Trajano³

1

Resumo

A prevalência do adoecimento em saúde mental do público infantojuvenil tem se elevado consideravelmente e isso, nos coloca diante de novos desafios sobre como articular a rede para promoção de cuidado em saúde. Sendo assim, este artigo aborda a importância da parceria entre a saúde e educação apresentando como ferramenta para a consolidação desta, a capacitação de educadores em temas em saúde mental. Para isso, compreendemos a escola como protagonista do cuidado em saúde mental, podendo contribuir de modo singular no processo de identificação, orientação e manejo inicial de situações referentes aos agravos em saúde mental, bem como articuladora do cuidado, acionando diversos pontos da rede para discussão dos casos e provisão de suporte adequado, tendo o cuidado compartilhado como uma concepção norteadora de todo o processo. Desse modo, realizou-se um processo de matriciamento com os profissionais das escolas da rede municipal de um município do estado do Paraná, constando de três fases para execução e avaliação das estratégias utilizadas.

Palavras-chave: Saúde Mental, Matriciamento, Cuidado Compartilhado, Escola.

Abstract:

The prevalence of mental health illness among children and adolescents has increased considerably, and this presents us with new challenges on how to articulate the network for the promotion of health care. This article addresses the importance of the partnership between health and education, presenting as a tool for its consolidation the training of educators in mental health issues. For this, we understand the school as the protagonist of mental health care, being able to contribute in a unique way in the process of identification, guidance and initial management of situations related to mental health problems, as well as an articulator of care, triggering different points of the network for discussion cases and provision of adequate support, with shared care as a guiding concept of the entire process. A maturation support process was carried out with professionals from municipal schools in

¹Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da UFSC. Terapeuta Ocupacional do CAPS AD. Bacharel em Direito pelo Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais. Graduada em Terapia Ocupacional pela Faculdade de Ciências da Saúde de Joinville. michellesilvatk@gmail.com

² Psicólogo e Coordenador do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS IJ). trajanom12@hotmail.com.

³ Psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS IJ). trajanom12@hotmail.com.

a municipality in the state of Paraná, consisting of three phases for the execution and evaluation of the strategies used.

Keywords: Mental Health, Matrix, Shared Care, School.

Introdução

O diagnóstico psiquiátrico de uma criança apresenta maior complexidade que de um adulto, fato que pode ser justificado, porque os problemas emocionais se expressam por meio de comportamentos desadaptados, que geralmente não são identificados pela própria criança como um sofrimento interno, pois alguns comportamentos considerados normais em certa idade, podem sugerir problemas de saúde mental em outras (D'ABREU, p.3, 2012).

Cid et al (2019), trazem a compreensão de que a escola, é um dos principais locais de desenvolvimento infantil e se apresenta como um dos protagonistas sociais responsáveis pelas crianças, incumbindo a ela também o acompanhamento do processo de desenvolvimento biopsicossocial de seus alunos.

A popularização das informações e a urgência em diagnosticar os infantes trazem sérios problemas para estes, pois os rótulos que os diagnósticos conferem às crianças têm consequências drásticas para estas ao longo de suas vidas. Imbuídos desta compreensão, faz-se necessário um trabalho intersetorial cauteloso de acolhimento e avaliação, que se proponha a entender toda a dinâmica subjetiva, o contexto no qual a criança está inserida, bem como todas as variáveis que operam nestes âmbitos.

AMARAL et al (2020), afirmam que nos últimos anos houve um aumento na prevalência de problemas mentais entre crianças e adolescentes, embora o desenvolvimento infantil geralmente seja um processo saudável. Desse modo, observamos que o número de crianças e adolescentes que experienciam dificuldades em responder aos desafios sociais a que estão expostos, e sofrem com os efeitos negativos às condições psicoemocionais e de conduta, tem se elevado significativamente, evidenciando comportamentos desajustados. É por isso importante investir na prevenção das perturbações emocionais e do comportamento, na detecção precoce, no acompanhamento e encaminhamento eficaz de situações que possam afetar negativamente a saúde da criança.

A escola é, por excelência, o ambiente no qual os comportamentos disruptivos se apresentam e podem ser observados, uma vez que nesta ocorrem diversas possibilidades de aprendizagem e socialização e por consequência, o desenvolvimento das habilidades

socioemocionais. Além do ambiente familiar, a escola constitui um espaço fundamental para a construção da subjetividade, do desenvolvimento dos potenciais e também da manifestação de alguns sinais e sintomas de adoecimento e sofrimento psíquico. Sendo assim, a escola é um espaço potente para desenvolver estratégias profícuas de prevenção e promoção de saúde mental.

A partir dessa perspectiva, ressalta-se a ampliação da comunicação da rede de assistência municipal de modo a fomentar o compartilhamento do cuidado da população infantojuvenil com dificuldades de aprendizagem associadas a questões de saúde mental. Entende-se que há inúmeros fatores que influenciam no desenvolvimento psicossocial desta população, incluindo aspectos, sociais, familiares, de saúde, de educação, cultura e lazer, que devem ser suprimidos ou amenizados para se favorecer um suporte adequado no que tange as questões de saúde, educação e assistência social. Desta maneira faz-se necessário repensar em estratégias de prevenção e promoção de saúde mental precoce, a fim de conseguirmos efetivar os princípios do Sistema Único de Saúde, como o acesso universal, igualitário e equânime.

Esse estudo nasceu da necessidade de fortalecer as ações entre a saúde mental e a educação de um município do Estado do Paraná. Traz como objetivo executar ações preliminares de apoio matricial através de um processo de capacitação, a fim iniciar a instrumentalização de educadores para a formação de equipes de referência em saúde mental nas escolas, de modo a facilitar ações de promoção e prevenção em saúde mental dentro do ambiente escolar, além de oportunizar o compartilhamento de experiências entre as equipes com relação ao manejo e cuidado quanto ao desenvolvimento e aceitação da diversidade nos diferentes contextos sociais no qual o infante está inserido.

A pesquisa se faz relevante, devido à fragilidade da escola em manejar situações relacionadas à saúde mental que surgem no cotidiano de trabalho dos educadores, e da dificuldade em se perceber a potência da comunidade escolar em lidar com ações de cuidado em saúde mental.

Aspectos Metodológicos

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo transversal de abordagem qualitativa descritiva. Para Minayo (2007, p.21), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” Nesse sentido a pesquisa qualitativa, não se

apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a criatividade leve os pesquisadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. O recurso metodológico empregado para a execução dos objetivos, requerem ações de matriciamento com a criação e treinamento continuado de “Equipes de Referência em Saúde Mental” compostas por profissionais da Rede Municipal de Ensino e Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSIJ), sendo proposta a pesquisa de campo, que, segundo Minayo (1996), possibilita o encontro direto do investigador com seu objeto de estudo. A pesquisa de campo foi fragmentada em três fases apresentadas a seguir:

Primeira Fase

Elaborou-se um convite oficial seguido da apresentação de um cronograma de capacitações em Saúde Mental com os professores de todas as escolas municipais e Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), onde tais instituições encaminhariam três profissionais de cada serviço escolar para participar da formação, que pudessem ser referência e mediadores entre os outros serviços da rede diante dos casos que envolvem questões de saúde mental, bem como multiplicadores de orientações no que se refere ao processo de saúde mental, a fim de otimizar os encaminhamentos para que estes pudessem ser mais resolutivos e assertivos.

A capacitação aconteceu sempre nas sextas-feiras à tarde, no Centro de Música do Município, entre o período de agosto de 2019 a outubro de 2019, totalizando dez encontros. Os profissionais foram divididos de modo que cada um participasse de um único encontro, sendo possível a presença de todos os representantes das instituições de ensino elencadas, totalizando 84 escolas e 60 CMEI'S.

No início de cada encontro, ofertou-se uma sessão de prática integrativa, com o intuito de aproximar os participantes às possibilidades de ações de promoção em saúde mental. Ressalta-se que o dia da semana elencado foi pensado para facilitar a participação dos profissionais, e o local da execução da capacitação foi estratégico, para facilitar o acesso considerando o deslocamento dos educadores em diferentes pontos da cidade.

A participação dos profissionais na formação a princípio aconteceu apenas na data disponibilizada para aquela determinada escola, e o critério estabelecido para a escolha dos participantes deveria ser os educadores ou gestores dos centros educacionais, que apresentassem interesse na formação e sensibilidade com a área de Saúde Mental, e que pudessem ser formadores, repassando a informação para os demais colegas de profissão

nas escolas e CMEIS, além de serem referências das instituições em que trabalham para os outros serviços da rede, realizando assistência, promoção, prevenção e recuperação da saúde de forma individual ou coletiva com o suporte dos terapeutas do CAPS IJ.

Segunda Fase

Cada encontro foi dividido em três partes: Na primeira parte, os profissionais da educação participavam de uma roda de Terapia Comunitária – realizada por uma assistente social, terapeuta comunitária integrativa lotada no Núcleo de Educação Permanente da Fundação Municipal de Saúde da cidade onde se realizava o estudo. No ensino, os educadores compartilhavam espontaneamente seus desafios cotidianos, dificuldades e expectativas a respeito do seu trabalho bem como as estratégias implementadas no cotidiano para lidar com os mesmos. Ainda nesta parte, os educadores eram encorajados a perceber a importância do autocuidado em saúde mental bem como a necessidade de discussão das temáticas em saúde mental tão vigentes no ambiente escolar.

Na segunda parte, discutia-se, de modo geral, sobre os processos de adoecimento na infância e as possibilidades de cuidado em saúde mental, visando promover uma reflexão crítica sobre os vários fatores determinantes em saúde mental na infância, desconstruindo paradigmas e avaliando a prática profissional a partir da lógica do cuidado em saúde.

Já no terceiro momento do encontro, era discutida a “tessitura” da rede, focando na articulação de estratégias de cuidado compartilhadas em saúde mental. Esta parte propunha o fomento da discussão, gestão e execução de planos de cuidado eficazes e de tecnologia leve em saúde mental no ambiente escolar, a partir do conhecimento da estruturação da rede de saúde mental do Município, observando suas nuances e estimulando o fortalecimento da parceria entre os setores da saúde e educação na perspectiva do cuidado continuado e compartilhado.

As duas últimas partes eram conduzidas pelos psicólogos do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS IJ) do Município em questão.

Terceira Fase

Realizou-se a aplicação de um questionário estruturado por meio de um formulário disponibilizado para preenchimento online, buscando a apreciação dos participantes

sobre diversos aspectos da capacitação realizada bem como suas considerações e contribuições para possíveis encontros futuros. Dentre os aspectos avaliados estavam: a percepção dos participantes quanto à importância da capacitação em saúde mental; o interesse em desenvolver ações de cuidado em saúde mental na escola; o desejo em participar de espaços terapêuticos nos quais os educadores possam ser cuidados e a satisfação quanto ao conteúdo abordado.

Resultados e Discussão

Estudos apontam que a aplicação de testes psicológicos, tem como função apresentar respostas aos anseios dos profissionais da educação ao realizarem encaminhamentos de alunos que apresentam dificuldades escolares (PATTO, 1997). Corroborando com esta situação Beltrame e Boarini (2013) mostram em um estudo que de seis casos estudados, quatro deles foram encaminhados ao CAPS IJ com o aval de psicólogos, evidenciando que estes profissionais revalidam os encaminhamentos de alunos para tratamento especializado.

Embora o papel da psicologia se mostre importante no processo de avaliação das dificuldades de aprendizagem relacionados ou não do sofrimento psíquico, ainda nos dias atuais nota-se que a maneira mais fácil para resolução desta problemática, é encontrada no tratamento medicamentoso, criando um fluxo de encaminhamentos para o serviço especializado de forma não resolutiva e muitas vezes inconsistentes, sem indicação, rotulatório e estigmatizante aos estudantes principalmente quando se trata de uma criança pobre que carrega na bagagem uma história de fracasso escolar produzido pela instituição educacional.

Pensando em minimizar tal problemática os autores utilizaram o “matriciamento ou apoio matricial como uma estratégia de compartilhamento do cuidado, sendo este recurso um novo modo de produzir saúde em que duas ou mais equipes, num processo de construção compartilhada, criam uma proposta de intervenção pedagógico-terapêutica” (CHIAVERINE, p. 13, 2011).

O matriciamento tal qual foi definido acima constitui uma ferramenta profícua para auxiliar o trabalho em rede, visto que integra saberes e pressupõe uma coparticipação das ações de cuidado. Nesse sentido, a capacitação se apresenta como uma forma estratégica de aproximar a escola dos serviços de saúde mental, provocando reflexões sobre os determinantes de adoecimento mental e como lidar com tal situação no ambiente educacional.

Ao final do processo terapêutico-pedagógico, foram capacitados de forma preliminar um total de 307 profissionais da rede municipal de educação, os quais relataram suas percepções sobre as experiências vivenciadas. Destes, 53% afirmaram satisfação com o conteúdo abordado sobre saúde mental. Mais de 67% dos respondentes afirmaram que estavam satisfeitos com a metodologia utilizada pelos profissionais ministrantes; 94% dos educadores participantes acreditam que os encontros realizados nas ações de capacitação em saúde mental são importantes para a sua prática profissional e 71% afirmam que possuem interesse em desenvolver ações de cuidado em saúde mental na sua escola. Dada a expressividade dos números, a capacitação atingiu seu objetivo de legitimar a parceria entre os setores da saúde e educação bem como alavancar as discussões nessa seara, visto que os temas em saúde mental estão entre os mais controversos e carentes de discussões sérias no âmbito da educação. Os encontros foram significativos para mostrar que falar sobre as questões de ordem psicossocial dentro dos muros da escola está na ordem do dia, em virtude de suas múltiplas ocorrências neste âmbito. Os problemas do uso, abuso e tráfico de drogas, automutilação, ideação e tentativas de suicídio, variações de humor, raiva incontida, crises depressivas, violência, indisciplina, dentre outros, estão entre os assuntos que fazem parte do contexto da saúde mental e que requerem, para além de uma abordagem disciplinar e pedagógica, uma postura técnica subsidiada por um conhecimento teórico capaz de favorecer um processo de intervenção mais eficaz.

Soares et al (2014), defendem a ideia de que o desenvolvimento de ações efetivas de promoção de saúde mental nas escolas está condicionado à avaliação da percepção de professores sobre saúde mental e sobre quais os meios que os professores recebem informações sobre tal assunto. Ressalta-se que uma maior compreensão do cotidiano e das necessidades desses sujeitos fornecerá subsídios para a elaboração de ações mais assertivas nos processos de construção de conhecimentos e intervenções eficazes.

Apesar dos resultados serem positivos, observa-se a necessidade da continuidade da elaboração de ações eficazes no processo de construção de conhecimento sobre a saúde mental e disponibilidade de tecnologias de cuidado nessa área como a escuta qualificada, acolhimento e matriciamento respeitando a singularidade de cada sujeito.

Enfatizamos um dado apresentado pelos participantes relacionados a necessidade de serem cuidados, cerca de 78% afirmam que gostariam de participar de espaços terapêuticos nos quais possam ser cuidados, tal situação acende um alerta, para nos atentarmos às condições de saúde desses trabalhadores, a aplicação das rodas de

terapia comunitária aliadas a outras ações de cuidado em saúde mental podem ser potentes nos processos de promoção de saúde desses profissionais.

Considerações Finais

O estudo mostra a necessidade de refletirmos sobre o papel da escola e suas fragilidades, ao se deparar com problemáticas que envolvam manifestações de singularidades relacionadas a questões de ordem mental, social ou familiar de seus estudantes.

A escola tem um grande potencial para ser um espaço da promoção de saúde mental para as crianças que a frequentam ao passo que tem igual poder de promover adoecimento nestas. O que determina a saúde ou adoecimento como resultado das influências do ambiente escolar, dentre outras coisas, estão: o entendimento que seus profissionais tem a respeito dos grandes temas em saúde mental, a sensibilidade com a qual estes tratam os fenômenos ocorridos intramuros escolares e proximidade existente entre a escola e a rede de saúde. Não se pode pensar em cuidado compartilhado sem que a parceria entre saúde e educação seja efetivada por meio de ações de capacitação coletiva, discussão continuada e suporte adequado. Saúde mental é um tema que faz parte do currículo cotidiano de cada escola e isso não pode mais ser ignorado, visto que as crianças estão adoecendo e precisam cada vez mais de suporte especializado.

A intervenção proposta pelo serviço especializado deu início a composição de equipes de referência em saúde mental dentro do contexto educacional, houve uma participação voluntária e relevante por parte dos educadores, os quais demonstraram interesse pela área abordada. Por outro lado, entende-se que deve haver um trabalho contínuo, para que se possa atingir outros educadores, de modo que sejam replicadas as ações de cuidado dentro da escola e com alcance na comunidade.

Tendo em vista que a escola é parte integrante do território, sendo este o lugar psicossocial do sujeito, e, logo, se constitui como lugar privilegiado de observação, abordagem, discussão e intervenção dos problemas de ordem da saúde mental. Precisamos encarar a escola como espaço de construção de práticas interventivas que visem tratar dos problemas que acontecem dentro de seus muros e que, na maioria das vezes, são negligenciados ou, quando não, são tratados de um modo não condizente com a sua natureza. Vale lembrar que isso acontece em função de diversas questões, dentre elas o fato de que a formação dos profissionais da educação, muitas vezes, não contempla os assuntos referentes ao âmbito da saúde mental. A escola é um espaço fértil

de discussão e construção de pensamento e, sabedores disso, precisamos utilizar esse potencial para trabalhar questões que vão para além do currículo de ensino, mas que interferem grandemente na rotina e nas relações escolares.

Destacamos como ponto negativo a interrupção no seguimento das ações devido a pandemia da COVID 19, que impossibilitou colocar em prática outras estratégias de aproximação entre esses dois serviços, como a inclusão de equipes itinerantes da saúde mental dentro dos espaços escolares, a fim de provocar discussões de casos e elaboração de projetos terapêuticos singulares compartilhados, que envolvessem questões de aprendizagem vinculadas ao sofrimento psíquico, expandido as ações de cuidado, além de iniciativas para a provisão de cuidado com o trabalhador da educação envolvendo práticas integrativas complementares.

Durante as atividades desenvolvidas vieram à tona, outras sugestões de temáticas a serem trabalhadas em ocasiões futuras como: saúde do trabalhador, como realizar a administração de conflitos em sala de aula, comunicação com os genitores e transtornos mentais na infância. As ações efetivadas até o momento precisam ser contínuas, a fim de suprirem as demandas apresentadas e fomentarem o trabalho de aproximação e fortalecimento de ações intersetoriais no âmbito da saúde mental infanto juvenil.

A formação de uma ampla rede de apoio contribui para ampliar as possibilidades de intervenções para com os estudantes e suas famílias, nas inúmeras necessidades de cuidado, situação que só é possível quando se tem uma rede articulada e com fluxos ativados entre as distintas unidades de serviços, equipes e trabalhadores. É somente a partir desta rede que se torna possível uma maior aproximação da atenção à saúde mental em toda a sua complexidade.

Enfatiza-se que, embora as ações em nível intersetorial estejam previstas na política de saúde mental infanto-juvenil, a concretização delas ainda é um desafio. A atuação de uma equipe multiprofissional atuante de forma interdisciplinar e transdisciplinar, como referência de intervenção, favorece a produção de uma rede de atendimento integral à saúde da criança em idade escolar, alcançando diferentes serviços públicos presentes no território, ampliando o cuidado em saúde mental com intervenções articuladas entre diferentes espaços de cuidado.

Por fim, espera-se que este estudo possa contribuir para o aprofundamento de pesquisas futuras voltadas as temáticas apontadas na pesquisa.

Referências

- AMARAL, M. O. SILVA, D. M. COSTA, M. G.; GONÇALVES, A. M. PIRES, S. M. CRUZ, C. M. Et al. ProMenteSã: Formação de professores para promoção da saúde mental na escola. **Acta Paul Enferm.** 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/SLQXdykTTL94xmmsXGXNybF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 31 de outubro de 2021.
- BELTRAME, M. M. BOARINI, M. L. Saúde mental e infância: reflexões sobre a demanda escolar de um CAPSi. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 33, n°2, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/S4bNdh7jwNxXBFpRJB85y7j/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 de out. de 2021.
- CID, M.F.B. SQUASSONI, C. E. GASPARINI, D. A. FERNANDES, L. H. O. Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. *Pro-Posições*, v. 30. Campinas, 2019.
- CHIAVERINE, D. H. **Guia prático de matriciamento em saúde mental**. Ministério da Saúde: Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva. Brasília, 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_matriciamento_saudeamental.pdf. Acesso em: 01 de nov. de 2021.
- D'ABREU, L. C. F. O desafio do diagnóstico psiquiátrico na criança. **Contextos Clínicos**, Unisinos 5(1):2-9, jan.-jun., 2012. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2012.51.01/842>. Acesso em: 31 de out. de 2021.
- MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Ed. Vozes, 26ª edição. Petrópolis, 2007.
- MINAYO M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Hucitec-Abrasco, 4a ed. São Paulo-Rio de Janeiro, 1996.
- PATTO, M. H. S. Para uma crítica da razão psicométrica. **Psicologia USP**, v.8, n°1. p. 47-62. São Paulo, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/107577/105996>. Acesso em: 31 de out. de 2021.
- SOARES, A.G.S. ESTANISLAU, G. BRIETZKE, E. LEFÈVRE, F. BRESSAN, R. A. Percepção de professores de escola pública sobre saúde mental. **Rev. Saúde Pública**, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/nsX3jMPbzNy7qLZHQgNR7rK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 de nov. de 2021.